

Traços do pós-colonialismo no conto “tico-tico” de Hélio Serejo¹

Huellas de poscolonialismo en el cuento “tico-tico” de Hélio Serejo

Traces of post-colonialism in the “tico-tico” short story by Hélio Serejo

Anderson Ribeiro Foster²

Resumo

Este artigo apresenta nossa proposta de estudo: uma leitura do conto “Tico-Tico”, publicado na obra *Prosa Rude* (1952), do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, pela perspectiva dos estudos pós-coloniais. Buscamos reconhecer na narrativa serejeana, o quanto o sujeito dominado é afetado em suas práticas cotidianas e, assim, passa a construir sua identidade com traços da ideologia do dominador. Nesse cenário, a alteridade, a outremização e o revide são aspectos que irrompem na relação em que o “Outro” confronta, domina e se apodera do “outro”. Diversas relações interpessoais como a língua, os costumes, as relações de trabalho, dentre outras, se entrelaçam e manifesta na vida do indivíduo subjugado, desse modo, o sujeito dominado se inclina a construir sua identidade sob o olhar e ações do dominador. Portanto, refletimos sobre as possíveis marcas deixadas como herança da época colonial e desvendadas pela memória do autor, por meio da análise de sua escrita. A singularidade da biografia de Serejo revela o modo simples e humilde em que o autor concebia a vida cabocla, suas descrições vão desde atos triviais aos mais relevantes do cotidiano.

Palavras-chave: Conto; Hélio Serejo; literatura; pós-colonialismo.

Resumen

En este artículo se presenta nuestra propuesta de estudio: una lectura del cuento “Tico-Tico”, publicado en la obra *Prosa Rude* (1952), del escritor de Mato Grosso do Sul Hélio Serejo, desde la perspectiva de los estudios poscoloniales. Buscamos reconocer en la narrativa serejeana, cuánto se ve afectado el sujeto dominado en sus prácticas cotidianas y, así, comienza a construir su identidad con huellas de la ideología del dominador. En este escenario, alteridad, alteridad y represalia son aspectos que estallan en la relación en la que el “Otro” se enfrenta, domina y toma posesión del “otro”. Varias relaciones interpersonales como el lenguaje, las costumbres, las relaciones laborales, entre otras, se entrelazan y manifiestan en la vida del sujeto subyugado, por lo que el sujeto dominado se inclina a construir su identidad bajo la mirada y las acciones del dominador. Por tanto, reflexionamos sobre las posibles huellas dejadas como legado de la época colonial y desveladas por la memoria del autor, a través del análisis de su escritura. La singularidad de la biografía de Serejo revela la forma sencilla y humilde en que el autor concibió la vida cabocla, sus descripciones van desde los actos triviales hasta los más relevantes de la vida cotidiana.

Palabras claves: Cuento; Hélio Serejo; literatura; poscolonialismo.

Abstract

This article presents our study proposal: a reading of the short story “Tico-Tico”, published in the work *Prosa Rude* (1952), by the writer from Mato Grosso do Sul Hélio Serejo, from the perspective of post-colonial studies.

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

²Mestrando da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Campo Grande - Mato Grosso do Sul, e-mail: ar.foster@hotmail.com.

We seek to recognize in the serejean narrative, how much the dominated subject is affected in his daily practices and, thus, starts to build his identity with traces of the dominator's ideology. In this scenario, alterity, otherness and retaliation are aspects that erupt in the relationship in which the “Other” confronts, dominates and takes possession of the “other”. Several interpersonal relationships such as language, customs, work relationships, among others, are intertwined and manifest in the life of the subjugated individual, thus, the dominated subject is inclined to build his identity under the eyes and actions of the dominator. Therefore, we reflect on the possible marks left as a legacy from the colonial era and unveiled by the author's memory, through the analysis of his writing. The uniqueness of Serejo biography reveals the simple and humble way in which the author conceived cabocla life, his descriptions ranging from trivial acts to the most relevant of everyday life.

Keywords: Short story; Hélio Serejo; literature; post-colonialism.

1. Introdução

Nossa intenção visa reconhecer na narrativa serejeana o quanto o sujeito dominado é afetado em suas práticas cotidianas e, assim, passa a construir sua identidade com traços da ideologia do dominador. Para tanto, este trabalho apresenta nossa proposta de estudo: uma leitura do conto “Tico-Tico”, publicado na obra *Prosa Rude* (1952), do escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo, pelo viés dos estudos pós-coloniais.

Nesse cenário, a alteridade, a outremização e o revide são aspectos que irrompem na relação em que o “Outro” confronta, domina e se apodera do “outro”. De acordo com Bonnici (2005), o “Outro” é o sujeito hegemônico europeu e o “outro” é o sujeito marginalizado pela hegemonia europeia, uma pessoa de etnia ou raça diferente.

Conforme Barzotto (2009), a ideologia da cordialidade unida à ideologia colonial tende a reforçar e moldar a constituição da identidade do indivíduo subjugado, portanto, o sujeito dominado constrói sua identidade sob o olhar e ações do dominador. “As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter certa correspondência.” (HALL, 2003, p. 109).

Portanto, pela e na linguagem híbrida do autor, mediante as memórias pessoais de Hélio Serejo, buscamos desvendar, por meio da análise de sua escrita, possíveis inferências das marcas do crioulisto³ deixadas pelo Período Colonial. Outro ponto a ser considerado em nosso estudo, diz respeito ao ambiente de diferenças do qual emergem variadas tensões e conflitos e,

³Segundo Braucks e Barzotto (2011) palavra “crioulisto”, de uso comum na linguagem do autor Hélio Serejo, tem origem na palavra francesa *créole*, usada no período colonial para designar os descendentes franceses nascidos na América. Tais variações são conhecidas no Brasil, onde ‘crioulo’ pode ser usado para designar pessoas e coisas de determinadas regiões do Rio Grande do Sul; e qualquer indivíduo negro no Rio de Janeiro. Em Serejo, o conceito se refere aos diversos aspectos da vida sertaneja.

no caso da literatura de Hélio Serejo, entra em cena o espaço da fronteira Brasil-Paraguai e dos contextos pós-guerra e pós-colonial.

Dessa complexa e importante trama, o autor com sua obra proporciona um leque de temas diversos como folclore, credices, história, religiosidade, língua híbrida, biografias, relatos, ciclo ervateiro, dentre outras temáticas na região de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, vinculadas ao período do pós-guerra do Paraguai e às questões fronteiriças Brasil/Paraguai.

Nesse sentido, Serejo apresenta o crioulisto unido a uma esfera híbrida relatando que os espaços ervateiros (re) produzem os efeitos *in continuum* do processo colonial, pois opressor/subalterno, colonizador/colonizado, colônia/metrópole são aspectos recorrentes em sua obra. A singularidade da biografia de Serejo revela o modo simples e humilde em que o autor concebia a vida cabocla, suas descrições vão desde atos triviais aos mais relevantes do cotidiano. Hélio Serejo nasceu em Nioaque, na fazenda São João, em 1 de junho de 1912. Trabalhou na extração da erva-mate, laborando também como fiscal, escrivão, jornalista e militar.

2. Perspectivas do estilo serejeano com sua prosa rude

Dando voz e vez a alguns personagens subjugados e subservientes, Serejo erige por seu discurso circunstâncias e modos de subsistir nos ervateiros da fronteira Brasil-Paraguai num período de povoamento e desbravamento em virtude da extração da erva-mate. Das vivências nas ranchadas ervateiras a lugares outros, a exemplo de sua estada no serviço militar no Rio de Janeiro, o autor representa o desenvolvimento do sul de Mato Grosso do Sul, antigo Mato Grosso, e embora haja essa marcação territorial, sua escrita transpassa o tempo e os limites fronteiriços e chega a diferentes localidades. Em posse de sua linguagem híbrida, descrita como crioulisto, representa como era o cotidiano da vida cabocla e suas dificuldades, dentre elas a exploração, a alteridade, as atrocidades e as injustiças impostas pelos poderosos aos mais fracos.

Na obra *Prosa Rude* (1952), ao mesmo tempo em que mostra a rudeza na relação entre os peões, entre patrão e funcionário, Hélio Serejo tece também de forma, ora acanhada, ora ostensiva, importante crítica ao sistema social existente no final do século XIX e início do

século XX, período este com resquícios da época colonial reforçado pelas mazelas oriundas da guerra Brasil-Paraguai.

A fala comum se caracteriza pela transparência. O mesmo não acontece com o discurso literário. Este se encontra a serviço da criação artística. O texto da literatura é um objeto de linguagem ao qual se associa uma representação de realidades físicas, sociais e emocionais mediados pelas palavras da língua na configuração de um objeto estético. O texto repercute em nós na medida em que revele *emoções* profundas, coincidentes com as que em nós se abriguem como seres sociais. O artista da palavra, co-participe da nossa humanidade, incorpora elementos dessa dimensão que nos são culturalmente comuns. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 7-8).

O texto literário serejeano consegue atingir o objetivo de passar além de uma transmissão de informação, sua linguagem artística se sobrepõe a linguagem cotidiana, permitindo assim, a compreensão linguística mediante sua função de contexto e texto, com foco na sua história, condições sociais, de elementos temporais e espaciais, de leitura e de circulação. A obra, portanto, apresentam “emoções profundas” e o autor, “artista da palavra”, atinge o repertório cultural de seus leitores, e mediante esse discurso que visa à estética, tange a universalidade, rompe com a temporalidade e realça o ficcional sobre o real. Ao se tratar de discurso literário, é necessário ter em vista que a literatura reflete além dos estilos da linguagem da época e valoriza o estilo do autor, o estilo individual, que reproduz e evidencia em forma de texto a língua e a sociedade, bem como suas transformações.

Conforme Barzotto (2009), as palavras de origem ameríndia que infiltram nas obras de Serejo constituem uma relevante característica, que além de causar harmonia e equilíbrio nos valores sociais impostos, faz suscitar a língua híbrida que, vai muito além de um recurso poético ou estilo do autor, pois, acima de tudo se transforma num instrumento de denúncia, de sobrevivência e garantia da posteridade. A autora ainda chama a atenção quanto à importância de não se negar a escrita literária de caráter híbrido, questionando que três quartos da população do planeta têm suas vidas marcadas pela experiência do colonialismo.

Com o uso da língua híbrida, Serejo propicia uma forte e intensa mistura cultural, linguística e religiosa na região sul-mato-grossense. Nessa perspectiva, é certo que Hélio Serejo escreve com a língua do colonizador, no entanto, rompe com os padrões hegemônicos, pois ao falar, mescla o português tido como padrão com as variantes dialetais de populações colonizadas. Alguns traços do guarani e do espanhol juntamente com o falar paraguaio e gaúcho compõem o linguajar fronteiriço que se dilui poeticamente ao português, tendo como resultado

a língua híbrida que na obra serejeana desempenha a função que subverte o que se pretendia com a colonização: a padronização linguística.

Além de detalhar os trabalhos nos ervais, o autor não permite que escape nenhum acontecimento da difícil (con)vivência de seus personagens. A relação entre homem e natureza e entre o homem e o progresso são descrições suntuosas, pois para o autor, a vida é dom divino e deve ser respeitada e valorizada ao extremo e o fator harmonioso deve imperar nessas relações apresentadas dentro de um contexto histórico-social. Com sua prosa e poesia de muita expressividade, ao enunciar as tristezas e alegrias, faz questão de mostrar e primar pelo vocabulário dos ervais, destacando dessa forma, expressões guaranis e paraguaias. Com efeito, a prosa rude que o autor se refere é a do peão do sertão que não tem papas na língua, como Serejo gostava de destacar. Também é aquele que possui notória rusticidade no comportamento, uns imbuídos com tamanha ignorância que beiravam ao inóspito, tendo na teimosia sua melhor e única convicção de vida, “Peão do erval, quando põe uma coisa na cabeça nem o diabo o vence”. (SEREJO, 2008, p.121).

Enfim, as descrições da fauna e flora se juntam às dos homens do sertão: índios, caboclos, brancos, paraguaios, brasileiros, espanhóis são aspectos e marcas que compõem a linguagem multifacetada, revelando dessa maneira o peculiar estilo na escrita serejeana que envolve o popular e o erudito em sua poética.

2.1 Modalidades de gêneros numa mesma obra

Encontramos em *Prosa Rude* (1952) a representação de uma época em que a vida estava por um fio e em muitos casos nada valia diante de muitos homens que travavam luta diária entre os ervateiros e o ambiente, e os perigos não vinham apenas das florestas, pois sob os desmandos dos patrões, os peões sofriam riscos por todos os lados. Abrangendo diversas temáticas relativas à vida campestre, em especial a dos ervateiros, relatando o cotidiano do homem simples, Hélio Serejo mostra a grandiosidade da identidade desses homens que com o contato com a terra ocuparam e ajudaram no desenvolvimento dos longínquos rincões da região de fronteira Brasil-Paraguai.

Composto, por 28 textos encontramos já na primeira narrativa da obra, o conto “Porque o Jaburu é triste”, a presença do fantástico o qual transparece na lenda em que o autor descreve a origem da tristeza no olhar da ave, que vive à margem dos rios e está sempre esquisita e triste

com os olhos amargurados voltados para a terra. Importante observar que na obra em questão, apesar de Serejo não se debruçar na escrita integral da modalidade literária fantástica, a faz com esmero e habilidade, atingindo muito satisfatoriamente este gênero que desperta ambiguidade e deixa o leitor inquieto sobre o fato narrado. “O conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo, possivelmente um medo percebido fisicamente” (CESERANI, 2006, p.71).

Crenças, lendas, folclore, mitos, crendices estão presentes na concepção de mundo na comunidade dos ervais, entretanto, mesmo com a superstição fazendo parte da vida do morador do mais longínquo rincão, há sempre um distanciamento físico dos personagens do espaço do acontecimento espantoso. “A desgraça foi o fim do vale. Ninguém quis ficar ali perto da sepultura do inditoso Deo. Eram somente oito. Foram para um lugar na fronteira, onde existia abundância de caça e terra boa para se fazer roça” (SEREJO, 2008, p. 122).

O conto fantástico envolve fortemente o leitor, leva-o para dentro de um mundo a ele familiar, aceitável, pacífico, para depois disparar os mecanismos da surpresa, da desorientação, do medo, possivelmente um medo percebido fisicamente. (CESERANI, 2006, p. 71).

Chama a atenção que o conto fantástico serejeano traz sempre uma denúncia velada, por não poder descrever o fato às claras. O autor lança mão desse importante gênero para dentro do texto passar a mensagem de que algo muito estranho se passava nos ervateiros. Essa denúncia não é perceptível à primeira leitura, tão pouco, caso se leia o conto fantástico do autor isoladamente. É necessário buscar nas entrelinhas e em outras narrativas a compreensão do contexto profundo e abrangente.

Assim feito, e sem perder a magia e a graça da sensação hesitada deixada pelo relato, também será possível a constatação de uma mensagem que evoca e denota a triste realidade de vidas ceifadas brutalmente nas ranchadas ervateiras. O caráter moralizador também está presente no fato narrado, tido como uma maneira de chamar a atenção de personagens para uma espécie de respeito às coisas pertencentes ao crioulisto e aprendizado com a vida dos pares dos ervais.

Os contos fantásticos ou contos de fantasia representam um gênero da literatura fantástica (realismo mágico ou maravilhoso) com origens no século XVII, porém, vigorou nos países latino-americanos a partir do século XX, como forma de denunciar a realidade opressiva vivida pelos anos de ditadura. (ARAÚJO, 2015, p. 45).

Publicado na obra *Contos Crioulos* (1998) e em *Obras Completas* (2008), através do conto fantástico “O peão que viu Jesus”, o autor atinge sua maior nuance neste gênero. O narrador conta a história sobre o sumiço misterioso de um peão que disse que viu Jesus Cristo e que ele não tocava os pés no chão. Após muita hesitação dos personagens que só comentavam sobre Jesus Cristo ter aparecido na ranchada ervateira e do peão ter desaparecido logo após esse encontro, o autor relata que um crânio foi encontrado no rio Paraná depois de 5 anos: “E a causa da morte? Todos tiveram o mesmo pensamento: foi tomar banho, teve uma síncope e morreu afogado. Viável, sim (SEREJO, 2008, V. IV, p.76).

Outra marca de Serejo é sua escrita memorialística no gênero crônica. Encontramos em *Prosa Rude* (1952) crônicas que ao mesmo tempo descrevem o dia a dia da vida sertaneja e demonstram a rudeza nas relações interpessoais. “Suas obras mais significativas são crônicas, que envolvem lembranças do sertão e falam do trabalhador, do homem simples do campo, do povo sem instrução, das revoltas, da violência e, sobretudo, da produção da erva-mate” (CENTENO, 2009, p. 52). Suas histórias e personagens são reais e, para não comprometer as pessoas envolvidas, o autor usa nomes fictícios.

Ainda conforme Centeno, em *Prosa Rude* há várias crônicas relacionadas a fatos reais, no entanto, o autor utiliza-se de nomes falsos, porém com histórias factuais: “Assim, o zeloso “habilitado” Dom Nenito, cumprindo ordens de uma autoridade brasileira, expulsou, de forma sumária, os seus irrequietos patrícios” (SEREJO, 1952, p. 70).

Na crônica “Uma figura gloriosa do Império”, o narrador entrecruza a história ciência e a história narrativa, tons conotativos e denotativos dão ao texto efeito de muita proximidade e estreita familiaridade com o personagem, distância temporal e geográfica parecem não existirem diante às descrições explicitadas pelo autor. O resgate da figura de Dom Pedro II é representado pelo narrador com saudosismo e reconhecimento amistoso dos feitos realizados pelo imperador à pátria brasileira.

O autor não escreve o último conto intitulado “Trindade Maldita”, após fazer o antelóquio do que fabularia a seguir, opta em narrar apenas que enviou o conto para seu pai analisar se era pertinente ou não a publicação.

Meses depois ele me escrevia: - “Bom ou mau, meu filho, deves editá-lo, entretanto, eu te peço e tua mãe também: “Trindade Maldita”, que reflete bem o teu grito de revolta, ecoado depois de onze longos anos de doloroso silêncio, não deve fazer parte deste teu livro. Não deve, não, repito. Duas das personagens da “Trindade”, como sabem, ainda vivem, e uma delas e hoje em dia homem de negócios e pai de numerosa

prole. Ademais, meu filho, eles nunca poderão compreender o grande mal que nos causaram”. (SEREJO, 1952, p. 195).

Apesar do conto não ter sido publicado, pelo prólogo dele, percebemos que se trata do assassinato de uma família inteira e o assassino foge, cruza a fronteira e no seu rancho de fugitivo, numa roda de mate ao pé de uma fogueira conta para os seus companheiros como foi o resultado do crime brutal.

Diante disso, fica muito perceptível a cautela e cuidado de Serejo em algumas questões e fatos ocorridos naquelas terras sem lei, aliás, a que imperara era a dos mais fortes (poderosos) e o autor não se refuta ao narrar os acontecimentos violentos, pois seja por meio de uma escrita sutil, às vezes, aparentando neutralidade, ou por uma mais confrontuosa, aponta os sujeitos causadores de maldades, de arbitrariedades que chegam até as mais brutais atrocidades, não deixando dessa forma, passar em branco seu posicionamento acerca da violência e da injustiça: “E o assassino, covarde e odiento Pedro Roque Ayala? Ficou impune? A polícia, por acaso, temia enfrentar a besta humana? Desconheceu a sua vivência? Não. Tudo dependia do tempo”. (SEREJO, 2008, p. 123).

Percebemos, portanto, que nas narrativas embora criadas tanto na modalidade de conto ou crônica, o autor exalta que figuras como paraguaios, brasileiros, índios e caboclos foram verdadeiros heróis que enfrentavam os perigos da floresta bruta, e da lida nos ervais à abertura e construção de estradas, foram a principal fonte de mão-de-obra na constituição e expansão da indústria Companhia Matte Laranjeira⁴. Serejo (1952) justifica que caso ocorresse semelhança entre nomes fictícios de personagens com o registro civil de nomes de pessoas, isso deveria ser compreendido apenas como uma simples e mera coincidência.

3. Perspectivas coloniais no conto “Tico-Tico”

“Tico-Tico” tem em sua narrativa pluralidade de abordagens que vão além de aspectos regionais, pois com características universais, Serejo constrói a trama e os personagens envolvidos de condições que descortinam marcas do período colonial ainda na primeira metade do século

⁴De acordo Centeno (2009), a disputa pelo controle político, em Mato Grosso, criou um clima violento e instável por várias décadas, principalmente, após a instalação da Companhia Matte Laranjeira na fronteira, empresa monopólica que explorou seus ervais nativos e foi detentora de um arrendamento que teve em suas origens cinco milhões de hectares de terras.

XX. Já no prólogo do conto, aliás, em todas as narrativas do livro, o autor faz sempre numa página antes uma espécie de brevíssimo resumo, ou seja, fala um pouco daquilo que será contado. Esse recurso, além de despertar interesse do leitor pela escrita que virá a frente, fornece pistas de que algo intrigante, inesperado ou surpreendente poderá ser revelado pela leitura íntegra do relato.

Chovesse ou fizesse sol, a pé ou cavalgando a sua eguinha mançarrona, ele cruzando a restinga em direção à vila, conduzindo o leite. Encontrando alguém na estrada, tocava de leve o chapéu com a mão meio cerrada e deixava partir um cumprimento respeitoso. Por isso todos o queriam e não faziam uma festa na redondeza sem que o convidassem. À beira do leite de um enfermo ele era, por sua bondade e meiguice, o balsómo que aliviava, que reerguia as fôrças e curava... Assim, Tico-Tico, o humilde leiteiro do coronel Janjão, vivia no coração de todos. (SEREJO, 1952, p. 17).

O narrador abre o conto explicando o motivo de o personagem receber o apelido de “Tico-Tico” e de sua tristeza guardada: “Porque ele era excessivamente franzino e tinha uns bamboleios saltitantes no andar e era irrequieto, deram-lhe esse nome: Tico-Tico. Tinha no seu olhar parado qualquer coisa que denotava tristeza e sofrimento.” (SEREJO, 1952, p. 19). O personagem vai sendo descrito pelo narrador como alguém muito bem quisto, sempre muito prestativo, admirado e querido por todos. O humilde leiteiro do coronel Janjão tinha um grande coração, era um misto de bondade e solicitude, porém por conta dos maus tratos de seu patrão, um sentimento de ira ia tomando a vida de Tico-Tico. “Mas não era nada feliz o Edgar do Guimarães Palhares. No seu peito existia desde há muito anos um vulcão em chamas”. (SEREJO, 1952, p. 20).

Diante aos injustos maus tratos do coronel Janjão e para evitar um desatino, Tico-Tico pensou em fugir um dia, no entanto, se lembrou do fim trágico que teve o Anto, um preto velho cortador de cana que foi jogado num poço do ribeirão com as mãos e pés atados: “Veio duas vezes à tona e depois, num círculo de borbulhas, desapareceu... isto é, surgiu mais abaixo um pouco, com a ossada a mostra, devorado pelas piranhas...” (SEREJO, 1952, p. 20), Com medo que isso acontecesse com ele, resolveu ficar nas terras comandadas pelo coronel.

Com chuva, sol ou muito frio Tico-Tico partia sempre de madrugada para entregar leite nas bibocas mais longínquas, trabalhava 15 horas por dia, os lucros do patrão só aumentavam e os maus tratos também. Chegada à data de aniversário do coronel, o povo começou a chegar à sua fazenda e a iam se abrigando em qualquer parte dela, uns à sombra do mirrado laranjal, outros no escuro casario do engenho ou até mesmo a beira do rego d’água.

Ia dar nesse ano a maior festa cabocla da redondeza. E tinha razões para isso. Desejava anunciar a todos a grande nova: o seu próximo matrimônio com a Calcida, a filha mais moça do juiz de Paz do... Todos estavam ali submissos. A ordem era comparecer. E

quem de Boqueirão ousaria desrespeitar aquele que era senhor absoluto daquelas paragens? (SEREJO, 1952, p. 21).

Por medo, todos estavam ali dissimulando confraternizar com o coronel. É interessante neste ponto da trama que o narrador não diz o nome do juiz de Paz, opta por reticências. Durante os festejos aconteceu a “doma dos cinco pulos”, o próprio coronel que criou, trancava os animais xucros por meses no porteiro e apenas os soltavam no dia da montaria, e quem conseguisse aguentar os corcovos sem cair do animal ganhariam durante o baile um abraço das mais formosas donzelas do Distrito.

Com os candidatos postos no centro do mangueirão o coronel ia dando a ordem de largada. Nenhum montador conseguia manter sobre o animal e quando caíam, além dos ferimentos da queda, ainda eram açoitados pelo chicote do coronel acompanhado de xingamentos e estereótipos: “O Coronel Janjão, cerrando os punhos, mais uma vez usou daquele seu costumeiro xingamento: - Êta caiçara ruim...” (SEREJO, 1952, p. 21). Um por um, ao cair, recebia de Janjão arreios no lombo e muitas ofensas, xingamentos e humilhações.

Irado por nenhum candidato conseguir permanecer em cima dos animais, o coronel resolve mandar Tico-Tico montar.

– Tico-Tico.... Uma voz nervosa, gaguejante, veio de um canto: – Nhôr, padrinho... – Tire a faca da cintura e monte o “Piranha”, grude firme no “Carajá”, segure curta as rédeas e dê uma lição nesses porquêras... Foi como se uma bomba estivesse estourado ali. Todos, homens e mulheres e até mesmo crianças ficaram estarecidos. Estaria louco o Coronel Janjão? Onde já se viu? Ele, o Tico-Tico, que só encilhava as éguas mansas para levar o leite à freguesia, montar aquele potrinho selvagem de cangote grosso como tronco de bananeira! (SEREJO, 1952, p. 24).

A indignação sentida e transmitida pelo narrador também é sentida por todos os personagens que estavam no evento, todavia, ninguém ousou ponderar ou retrucar a decisão do coronel, apenas “um protesto surdo vinha de todos os olhares.” (SEREJO, 1952, p. 24). Em meio a deboches e vários estereótipos proferidos pelo coronel, Tico-Tico monta e é lançado longe na segunda vez que corcoveou o animal, bate a cabeça numa árvore e perde os sentidos com o golpe. Só voltou a si, com os cruéis acoites que recebeu do coronel por não se ter mantido em cima do touro. É narrado neste instante que nenhuma voz se atreveu a fazer a defesa do leiteiro. Somente após receber muitos xingamentos como “caiçara dos diabos”, e de ser cortado em várias partes do corpo pelos fortes golpes do grosso relho traçado do coronel que Tico-Tico é acudido. Todos temiam o coronel que tinha um vasto histórico de crimes brutais, nem o comandante do destacamento policial da Vila se salvou, foi morto pelo coronel numa emboscada, diante disso, nenhuma outra autoridade se atreveu tentar prendê-lo.

Já sendo cuidado no galpão, deitado numa rede, Tico-Tico recebia compressas de salmoura nos ferimentos. Meio a forte febre o leiteiro vai alimentando a ideia de se vingar dos maus tratos recebidos ao longo de sua vida. Neste momento, o conto ganha nuances de mistério, inquietação, hesitação. Não é possível sabermos ao certo se Tico-Tico está alucinando por conta da forte febre, do calor esquisito que afogueava o seu rosto e afetava até seu ouvido, deixando-o aturdido, ou se alguém de fato o incitava ao cometimento do crime.

Alguém parecia, maquiavêlicamente, segredar-lhe aos ouvidos: “Vamos, está na hora da desforra; não te dói ainda, por acaso, no corpo castigado, as duras vergastadas? Sê forte, levanta-te ergue o braço e em punha a arma que está atrás da porta, a tua espera; assim ninguém poderá ver em ti um lorpa, um impotente, um covarde. Vamos, Tico-Tico! Virou-se para o outro lado. Teve a impressão de ouvir a mesma voz ainda mais autoritária.” Vamos covarde! (SEREJO, 1952, p. 26).

E quando estava clareando o dia se ouve um disparo. Ainda com a garrucha fumegante, Tico-Tico rompe a porteira do piquete e, pega a estrada, mas não com a intenção de se tornar um fugitivo, pois acreditava que por ter sido sempre humilde e obediente, teria muitas testemunhas a seu favor, e de fato tinha. Apresenta-se à prisão ao se entregar ao delegado. Até este momento do relato temos a presença da figura do narrador heterodiegético que ao se inserir na narrativa passa a ter no final do conto a função de homodiegético. “Um ano depois passei por Boqueirão. Encontrei Nhô Bento, o negro velho raizeiro, e perguntei por Tico-Tico. Êle ergueu o braço descarnado e apontou para a pracinha. (SEREJO, 1952, p. 28). Na pracinha tinha uma cruz de ferro ornada de fitas. O narrador muito acabrunhado pergunta se Tico-Tico tinha morrido.

– Não, ele véve por ai com a juda de Deus Nosso Sinhó. E contou-me a história. Quando Tico-Tico respondeu Júri naquela tarde e foi condenado e ai ser conduzido escoltado para a capital, o povo não se conteve, rebelou-se, atacou o contingente policial, depredou o Forum, deu soltura ao réu e num assomo de loucura e violência linchou o Juiz *ali memo onde ta aquela cruiz que mecêtavemo...* (SEREJO, 1952, p. 28).

É notório que a violência é o tema central da narrativa descrita pelo narrador ao focar nos conflitos objetivos e subjetivos dos personagens. O autor desvenda aos poucos que ela vai se caracterizando e tomando corpo no texto mediante níveis de intensidade, Tendo na figura do coronel Janjão o maior propulsor e propagador dela: “O coronelismo tem sido entendido como uma forma específica de poder político brasileiro que floresceu durante a Primeira República, e cujas raízes remontam ao império.” (QUEIROZ, 1976, p. 163). A outremização e o revide estão muito presentes no conto. O personagem Janjão usa constantemente termos degradantes e mediante os estereótipos imputados aos outros personagens, marca bem a posição hierárquica

existente na relação entre o “Outro” (superior) e o “outro” (inferior). Traços da ideologia imperial estão presentes na relação interpessoal dos personagens, e a outremização que se dá por diversas formas e estratégias, aparece no texto através do preconceito presente no discurso do coronel Janjão. E o revide ocorreu da forma mais primitiva: luta física e armada. Conforme narrado no texto, tanto Tico-Tico como o povo cansado das injustiças e violências impostas, decide fazer justiça com as próprias mãos.

A opressão, o silêncio e a representação das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores. Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma *hierarquia* em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador seja espanhol, português, inglês, se impõe como poderoso, civilizado, culto, forte, versado na ciência e na literatura (BONNICI, 1952, p. 230).

Enfim, O conto termina de forma surpreende, deixando diversas inquietudes, sendo duas delas: o juiz de Paz, pai de Cacilda que ia se casar com o coronel Janjão era o mesmo que julgou e sentenciou Tico-Tico? De quem era a voz misteriosa que instigou Tico-Tico à prática do crime?

4. Considerações finais

Não diferente de seus outros trabalhos, em *Prosa Rude* (1952) Hélio Serejo mobiliza e propicia um novo olhar para o espaço fronteiriço. Abalando-o com seus relatos sugere novas possibilidades de entendimento no tocante a aspectos geográficos e humanos, tornando-os multifacetados e descentralizados. Resultado do colonialismo, as migrações, fugas e deportações descortinam o entrecruzar de culturas representadas pelo autor que, ao fazer importantes críticas, e porque não dizer, denúncias dos efeitos do contínuo processo colonial, sinaliza que por meio de novos arranjos, se mantém o poder nas relações históricas e sociais na fronteira Brasil-Paraguai.

Com características estéticas e sociais a obra serejeana faz de sua literatura arcabouço muito atual que desvenda resquícios do colonialismo, sendo estes ecoados desde a época que o Brasil esteve sob o domínio europeu. Com equilíbrio, o autor conjuga elementos internos e externos, o valor estético da obra emerge e nós, os leitores provamos da experiência do voltar a um passado tão presente nos dias atuais. As violências e mortes brutais vinculadas à extração da erva-mate no passado dão vez aos crimes bárbaros e muitas vezes impunes e a diversos e desenfreios tipos de contrabando que atualmente vêm acontecendo no mesmo espaço (fronteira) descrito por Serejo.

Ao representar a prosa rude de seus personagens, o autor concomitantemente apresenta de forma firme a violência adotada pelos “sucessores” do colonizador (classe dominante) diante os “herdeiros” (classe colonizada), a que está na base da pirâmide social, ou seja, os mais “ignorantes” (fracos). O autor lança mão da literatura não só para descrever o crioulisto apaixonante, porque as imbricações e inquietudes também são expressas por ele em forma de crítica social por meio da ficção.

Ao passo que o progresso vai se consolidando naqueles mais longínquos recantos, grande diferença social, econômica, injustiças e desigualdade vão se estabelecendo no mesmo ritmo como algo natural neste processo de desenvolvimento, dessa forma, o contexto preocupante e conturbado da época vai sendo mostrado na narrativa. E é justamente com aparecimento desses sujeitos pós-coloniais oriundos do processo de colonização, dos embates de grupos que buscavam independência nacional que é possível vermos os reflexos da ideologia hegemônica imposta.

Por meio desta análise notamos que a obra de Hélio Serejo favorece variadas abordagens de estudo e, ao discutirmos a temática da violência na exploração humana, percebemos que o período colonial deixou profundas marcas e seus reflexos são descortinados pela narrativa do autor escrita no período histórico do pós-colonialismo. No reconhecimento dessas características compreendemos melhor o processo de ocupação e de desenvolvimento das terras de fronteira com o Paraguai.

Concluimos registrando que por este estudo ser parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, a hipótese inicial é de que ocorra como resultado o reconhecimento do contexto histórico que dialoga com as narrativas do autor e a identificação e a análise de elementos narrativos literários que favoreçam a presença do pós-colonial, forte e dura herança do período colonial, contribuindo, dessa forma, para enfatizar e compreender os problemas do ser humano.

Referências

ARAÚJO, Susylene Dias Araújo. Estética da violência em contos selecionados de Hélio Serejo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL AMÉRICA PLATINA, 5, Dourados, 2014. Anais. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, s.d. p. 1-11. (Trabalho em Anais de Congresso)

BARZOTTO, Leoné Astride. Traçados pós-coloniais na literatura do Mato Grosso do Sul. Anais do XIX. Seminário do CELLIP, Cascavel – PR, 2009. (Trabalho em Anais de Seminário)

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998. (Obra completa)

BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da Teoria Pós-colonial*. Maringá. Eduem, 2005. (Obra completa)

BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana. (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009. (Obra completa)

BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel; BARZOTTO, Leoné Astride. Literatura e religiosidade: aspectos religiosos no crioulisto de Hélio Serejo. In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS DE MATO GROSSO DO SUL, 6, Dourados, 2011a. Anais. Dourados: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, s.d. p. 1-11. (Trabalho em Anais de Congresso)

BRAUCKS, Noraci Cristiane Michel; BARZOTTO, Leoné Astride. O sujeito religioso da fronteira sul-mato-grossense: uma análise pós-colonial a partir de Hélio Serejo, *I Encontro Diálogos entre Letras*, Dourados, 2011b, p. 173-182. (Trabalho em Anais de Encontro)

CENTENO, Carla Villamaina. A fronteira como domínio da violência: reportagens sobre o sul de Mato Grosso. *Projeto História*, São Paulo, n. 39, São Paulo, 2009, p. 139-157. ISSN: 0120-2456. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1271/127159275011.pdf> Acesso em: 15 ago. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

HALL, Stuart. *Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. (Obra completa)

PEZZODIPANE, Rosane Vieira. Pós-colonial: a ruptura com a história única. *Simbiótica*, UFES, Espírito Santo, n. 3, 2013, p. 1-10. ISSN: 2316-1620. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/5494> Acesso em: 15 ago. 2020. (Artigo em Periódico Digital)

PROENÇA FILHO, Domício. *A Linguagem Literária*. São Paulo: Ática, 2007. (Obra completa)

SEREJO, Hélio. *Obras Completas*. Campo Grande/MS: Instituto de História e Geografia de Mato Grosso do Sul, 2008. (Obra completa)

SEREJO, Hélio. *Prosa Rude*. São Paulo: Cupolo, 1952. (Obra completa)

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. (Obra completa)